

# Entrevista ao professor Héctor Rubén Cucuzza

Sandino Hoff (SH)\*

Ortenila Sopelsa (OS)\*\*

O professor e pesquisador Héctor Rubén Cucuzza (HC) é um dos mais importantes historiadores da educação da América Latina. Tem muitas obras publicadas, resultados de investigações, estas realizadas sempre em grupos de pesquisa. Participou da criação de grupos nacionais de investigação no Brasil e na Argentina, por exemplo, a Sociedade Argentina de História da Educação (SAHE), da qual foi o primeiro presidente.

O professor Cucuzza esteve na Unoesc, convidado para proferir uma das conferências do I Colóquio em Educação. Nessa ocasião, os professores Ortenila Sopelsa e Sandino Hoff, do Mestrado em Educação da Unoesc, realizaram esta entrevista, em março de 2008.

SH: Professor Dr. Hector Rubén Cucuzza, o Programa História Social da Educação do Departamento de Educação da Universidade Nacional de Luján, Argentina, foi criado pelo senhor e seu grupo de pesquisadores da história da educação. Os leitores da Roteiro gostariam de saber como teve início esse Programa.

HC: Partimos de uma imagem simbólica, tomada de Hersch, que muitas informações constam na *web* do grupo, O Direito de Ser Homem (Antologia, Madrid, Tecnos/Unesco, 1973), em que um homem, sentado frente a uma máquina, em formato circular, girando-a, podia ver vários livros ao mesmo tempo. Nossa apreensão configurava a idéia de que, pela invenção da escrita tipográfica, uma pessoa podia ver e ler uma grande quantidade de livros sem mover-se de seu lugar. Utilizamos essa ilustração no *site* do Projeto História do Ensino da Leitura e Escrita na Argentina (Histelea), para dizer

\* Pós-doutor em Educação pela Unicamp; Doutor em Educação pela PUC-SP; Mestre em Educação pela Ufscar; Rua Getúlio Vargas, n. 2125, Bairro Flor da Serra; CEP 89600-000; Joaçaba, SC; sandino.hoff@unoesc.edu.br

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina; ortenila.sopelsa@unoesc.edu.br

que o cenário de leitura informática havia sido antecipado nesse projeto de máquina para ler vários livros, visto que, numa gravura do século XVII, apenas um século após a invenção da imprensa, já se percebiam as conseqüências na difusão massiva do livro. A máquina volta a aparecer na primeira formulação do Programa Histelea quando nos dirigimos a analisar as práticas de leitura e escrita nas condições do fim do século XX e começo do XXI.

SH: Professor, o desenvolvimento do Programa e as publicações dele resultantes foram objeto de avaliação, realizada pela própria equipe de pesquisa. A seu ver, como se apresentaram essas atividades?

HC: Entendo que podemos considerar três momentos complementares. Um primeiro momento é constituído em 1986, na sua fundação, no contexto sociopolítico em que a Argentina reiniciava o caminho de governos constitucionais sob a presidência de Raúl Alfonsín que dava lugar ao processo de normalização das universidades. Com o responsável pela equipe, professor Daniel Cano, debatíamos nossas preocupações teóricas centrais em torno da definição do objeto de estudo da História Social da Educação. Para configurar um corpo teórico próprio, tomamos emprestadas algumas categorias do marxismo clássico que tomou o rumo de estudar os meios, modos e relações de produção, transmissão, circulação e apropriação dos saberes. O traço principal que orientava as atividades na docência era a escrita como tecnologia da palavra conforme a proposta de Walter Ong. A passagem das culturas orais para as culturas escritas e, com estas, o surgimento da “escola templo”, marcavam fortemente nossas formulações teóricas e nossas práticas de aula. A bibliografia utilizada era de Ong (1987), McLuhan (1988), Hébrard (1989), Illich (1989), Bourdieu (1990), Viñao (1988), entre outros. O eixo principal estava posto no processo de escolarização da cultura e da transmissão de saberes. A escola, neste período, vinha definida como a única agência legítima de transmissão dos saberes legítimos. O livro *Estudos de História da Educação durante o Primeiro Peronismo – 1943 - 1955* (Buenos Aires, Editorial Los Libros de Riel, 1997) reflete essas preocupações teóricas.

OS: O que a equipe entendia por “escola-templo”, cujo assunto também foi abordado, com muita repercussão, na sua conferência no I Colóquio Internacional em Educação da Unesco?

HC: Denominamos “escuela templo” as primeiras formas institucionalizadas de transmissão de saberes que surgiram nas grandes civilizações hidráulicas acompanhando (e reforçando) os primeiros sistemas de registro de excedentes. Tanto sobre os quadros de argila quanto sobre nudos, a invenção da escritura reclamou o surgimento da escola, geralmente a cargo das castas sacerdotais. Daí a metáfora usada.

SH: Como a equipe formulou os estudos do Programa num segundo momento?

HC: Um segundo momento começa em 1996, no contexto do governo de Menem, da queda do bloco socialista e da imposição hegemônica do projeto neoliberal, na década de 1990. Sem abandonar as diretrizes iniciais, a equipe põe em ação o Projeto História do Ensino da Leitura e Escrita na Argentina. A categoria de análise Cenários de Leitura demonstrou as práticas sócio-históricas da leitura e da escrita, desenvolvidas durante séculos em diversos espaços e diversas culturas, fora do espaço escolar. Esses processos confluíram, de algum modo, na construção do cenário de leitura escolar. Na nova etapa a desenvolver, ficaria por demonstrar dita objetividade em estudos sincrônicos das relações de convivência/conflito entre práticas (e cenários) sociais de leitura em espaços escolares e aquelas práticas (e cenários) que a escola reconhece como próprias e, às vezes, como únicas práticas legítimas. A equipe, em 1997, firma um acordo de cooperação com o Projeto Manes (Manuais Escolares) com sede na Universidade Nacional de Educação a Distância e começam a tarefas de recopilação e catalogação de livros iniciais de leitura. A equipe utilizou as obras de Cucuzza (1998), Burke (1991), Chartier (1994, 1995), Chartier e Hébrard (1994), Cavallo e Chartier (1997), Manguel (1999), Escolano Benito (1996), Johnsen (1996), Saenger (1997), Viñao (1999) e outros.

SH: O senhor colaborou na criação do Grupo História, Sociedade e Educação Brasileira (Histedbr), fundado na Unicamp e presente, hoje, em todo território

nacional e, depois, acompanhou de perto o desenvolvimento das pesquisas resultantes da catalogação de obras raras. O trabalho de catalogação de livros de leitura dos manuais escolares, realizado pela sua equipe tem algum parentesco com as atividades do Histedbr?

HC: Do Grupo Histedbr obtivemos as primeiras aproximações aos problemas teóricos e metodológicos a partir de nossa participação em seus primeiros encontros em Campinas, desde 1991. Vai aqui nosso agradecimento ao Dr. Dermeval Saviani e ao Dr. José Claudinei Lombardi e, com eles, aos amigos com os quais compartilhamos momentos de discussão e polêmica acerca da investigação em nosso campo de trabalho.

OS: O livro, que recolheu os trabalhos coletivos da equipe Histelea, saiu à luz em 2002. O que ele representou?

HC: O livro “Para uma História do Ensino da Leitura e Escrita na Argentina. Do Catecismo Colonial à Razon de Mi Vida” (Buenos Aires, Miño y Dávila, 2002) recolheu os trabalhos coletivos da equipe, ou seja, uma síntese heterogênea dessa etapa firmada pelas relações com o Projeto Manes, um projeto que estuda os manuais didáticos.

SH: Fale um pouco sobre o momento atual do Programa Histelea.

HC: Neste momento, a investigação abarca uma síntese onde leitura e escrita como práticas sócio-históricas se entrelaçam e se analisam em sua mútua interdependência. Em relação aos aspectos anteriores, a investigação segue a lógica seguinte. Se nos momentos anteriores o eixo da discussão acerca do objeto de estudo se centrava no problema de sua redefinição, nossas preocupações atuais acentuam os esforços teóricos para entender a aproximação a essas práticas sócio-históricas a partir do diálogo não-encerrado entre História Social da Educação e História Cultural. Se desde o eixo dos meios percebemos certo deslocamento relativo da leitura e da escrita, nesse momento, interessam-nos as práticas de leitura e escrita nas condições sociais e tecnológicas que geram a irrupção dos meios elétricos

e eletrônicos de tratamento da palavra, tanto no espaço da escola como nos diversos espaços que se abrem fora dela. E, por fim, se a partir do eixo dos modos e das relações sociais de transmissão de saberes, nossos propósitos de estudos se dirigiam a entender o surgimento da escola em suas relações com o surgimento da escrita, assim como sua configuração moderna ao amparo da imprensa, nessa etapa, o desafio é a análise do esvaziamento da forma escolar e de suas possibilidades de redefinição nas condições da globalização. Ampliaram-se as vinculações com a Rede Alfa Patre Manes (Patrimônio Escolar Manuais Escolares) formando um convênio de colaboração com o Projeto Alfa da Comunidade Européia. Dele participam Bélgica, Portugal, Espanha, México, Colômbia e Argentina. As atividades orientam-se para a construção de uma base de dados internacional sobre livros escolares. O projeto mencionado tem a coordenação da Profª. Dra. Gabriela Ossenbach Sauter da Universidade Nacional de Educação a Distância.

OS: O senhor participou com uma conferência do I Colóquio da Educação da Unesco, Joaçaba. Como o senhor avalia este Colóquio, realizado numa universidade do interior de Santa Catarina, em relação a seus temas programados e ao público participante?

HC: A programação do I Colóquio recolheu os principais problemas que se encontram em debate em nível internacional sobre a temática educativa do olhar nacional e regional. Pude comprovar o excelente nível acadêmico por parte dos expositores como também nas intervenções realizadas pelo público participante. Desejo expressamente agradecer o convite para acompanhá-los nas tarefas.

